

Uma Análise das Menções de B. F. Skinner ao Gênero Feminino¹

(An Analysis of B. F. Skinner's Mentions of the Feminine Gender)

Daniela de Oliveira Ferreira e Carolina Laurenti²
Universidade Estadual de Maringá
(Brasil)

Resumo

A identificação de desigualdades, estereótipos e vieses de gênero tem sido objeto de investigação de diferentes pesquisas na Análise do Comportamento. Considerando que as traduções para o português de livros de B. F. Skinner, o principal proponente dessa teoria, são utilizados como referência para a formação de analistas do comportamento no Brasil, o objetivo desta pesquisa foi avaliar as menções de Skinner às mulheres, a fim de verificar a presença de vieses e estereótipos de gênero. Para tanto foi realizado um estudo teórico cujas fontes foram sete livros de Skinner traduzidos para o português. Foram identificados e categorizados 130 trechos dos livros que faziam menção ao termo mulher e correlatos. Os resultados foram agrupados em (1) declarações que apresentavam vieses de gênero, as quais corresponderam a 51,1% do total; (2) menções antitéticas a estereótipos sexistas sobre mulheres, equivalendo a 6,9% dos trechos; e (3) trechos que não apresentavam vieses de gênero, perfazendo 42,0% do material selecionado. Embora não tenhamos condições de perscrutar as variáveis que controlaram o comportamento verbal de Skinner ao mencionar as mulheres, é possível discutir as implicações de tais menções, uma vez que o uso de estereótipos de gênero pode contribuir com a manutenção de concepções essencialistas sobre a mulher.

Palavras-chave: Skinner, mulheres, gênero, análise do comportamento, estereótipos

1 Financiamento: A pesquisa contou com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por meio de Bolsa de Iniciação Científica (Processo n.: 136048/2023-4) para a primeira autora, e por meio de Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq (Processo n° 315116/2021-8) para a segunda autora.

2 Endereço para correspondência: Carolina Laurenti. Departamento de Psicologia. Universidade Estadual de Maringá. Av. Colombo, 5790 – Bloco 118 – Zona 7. CEP: 87020-900. Maringá – PR. E-mail: claurenti@uem.br

Abstract

Identifying gender inequalities, stereotypes, and biases has been the subject of investigation in different studies in Behavior Analysis. Considering that the Portuguese translations of books by B. F. Skinner, the leading proponent of this theory, are used as a reference for the training of behavior analysts in Brazil, the objective of this research was to evaluate Skinner's mentions of women in these translations, in order to verify the presence of gender biases and stereotypes. To this end, a conceptual study was conducted using seven books by Skinner translated into Portuguese. Excerpts from the books that mentioned the term woman and related terms were identified and categorized. The results were divided into categories explaining Skinner's statements that (1) presented gender biases, (2) were antithetical to sexist stereotypes about women, and (3) did not present gender biases. One hundred thirty excerpts were identified with terms referring to women in the books consulted. Among these excerpts, 51,1% are concerned with gender biases. The main gender stereotypes identified were the representation of women as mothers; appearance and beauty as defining characteristics of the value attributed to women; female objectification based on an ideal of purity and subservience; the well-being of the family and affective relationships as women's attributions; and cognitive inferiority of women. However, we also found Skinnerian statements about women that did not subscribe to gender biases (42,0%) or were even explicitly against them (6,9%). These excerpts could be examples of academic writing more compatible with deconstructing social myths about women. Although we cannot scrutinize the variables that controlled Skinner's verbal behavior when mentioning women, it is possible to discuss the implications of such mentions since the use of gender stereotypes can contribute to the maintenance of an essentialist conception of women.

Keywords: Skinner, women, gender, behavior analysis, stereotypes

Questões de gênero estão dentre os aspectos socioculturais invocados por estudos analítico-comportamentais para compreender o controle social diferencial sobre o comportamento de homens e mulheres em nossa sociedade (Barros et al., 2020; Freitas & Moraes, 2019; Laurenti, 2023). De uma perspectiva cultural, o termo 'gênero' especifica um sistema de contingências sociais, atrelado a práticas culturais historicamente selecionadas, responsável pela diferenciação e categorização de indivíduos em grupos de seres humanos distintos, com base em uma relação corpo-comportamento específica (Laurenti, 2023). No âmbito dessas práticas culturais generificadas (i.e., criadoras do gênero), sistemas de reforçamento modelam e mantêm padrões de comportamento de modo contingente à presença de determinados aspectos corporais, definidos e designados para tal no âmbito dessas mesmas práticas.

Em sociedades, como a nossa, que se estruturam em torno de práticas culturais generificadas binárias, as diferenças sociais entre seres humanos são agrupadas em termos das díades homem-mulher e masculino-feminino, sendo cada elemento dos pares caracterizado por uma relação comportamento-corpo própria (Laurenti,

2023). Diferentes formas de sentar, gesticular, vestir, moldar o corpo, andar, falar, sentir, pensar, frequentar e habitar determinados espaços e lugares são classificadas como masculinas e femininas segundo a presença de pênis ou vagina. Indivíduos serão diferenciados e categorizados como sendo do gênero masculino se a relação entre formas de se comportar que denotam virilidade, assertividade e racionalidade e a presença de pênis for estabelecida e mantida. Já a relação comportamento-corpo definidora do pertencimento ao gênero feminino se dá entre modos de agir ditos dóceis, passivos, emotivos e a presença de vagina (Zanello, 2022).

O caráter sociohistórico dessas práticas culturais generificadas não é geralmente considerado no ensino de comportamentos masculinos e femininos, contribuindo para que o controle social exercido por essas práticas não seja discriminado verbalmente. O ocultamento da natureza sociohistórica de seleção cultural das práticas generificadas, e do papel das agências controladoras na garantia de sua ubiquidade, contribui para que as distinções de gênero sejam consideradas “naturais” – isto é, para que “homem” e “mulher” sejam entendidos como designações atemporais, cuja gênese e manutenção independem da operação de contingências sociais ao longo do tempo.

A des-historização das práticas culturais generificadas favorece a produção e reprodução de estereótipos de gênero – um conjunto de regras sociais que especificam os atributos pessoais considerados “adequados” a homens e mulheres, conforme a ordem binária de gênero. Em termos de comportamento, uma caracterização estereotipada de “mulher” é comumente definida por: exercer a maternidade, preocupar-se com o bem-estar do outro, prezar pela beleza, ocupar-se dos afazeres domésticos, e demonstrar afeto, emoção e sensibilidade. Em contraste, a concepção estereotípica de “ser homem” envolve: exibir performance laboral e sexual, garantir a provisão do lar, gerenciar a tomada de decisões no trabalho e na família, e demonstrar coragem, força e controle emocional (Zanello, 2022).

De acordo com esses estereótipos de gênero, a presença de corpos ditos femininos e masculinos funciona como uma situação antecedente para que uma série de comportamentos sejam emitidos e reforçados e outros extintos. Diante de um corpo feminino, por exemplo, falas sobre determinados assuntos (e.g., cuidado dos outros, trabalho doméstico, beleza, culinária) tendem a ser emitidas, em função de uma história de reforçamento dessas falas na presença desses corpos e não de outros (masculinos). Algo semelhante acontece com corpos ditos masculinos; diante deles, determinados tópicos tendem a ser abordados (e.g., esporte, contexto profissional, política) e outros não. A consistência desse controle de estímulos em uma sociedade binária é tal que a presença desses corpos generificados altera a força de respondentes e operantes específicos, com diferentes topografias, abertas e encobertas; um controle geralmente não discriminado verbalmente pela pessoa que tem seu repertório alterado dessa forma. Os nossos comportamentos já se tornam, assim, “enviesados” de forma explícita ou implícita na presença de corpos generificados.

A identificação de desigualdades, estereótipos e vieses de gênero tem sido objeto de investigação de diferentes pesquisas na Análise do Comportamento no Brasil. Estudos conceituais sobre dominação masculina e patriarcado têm buscado

descrever em termos analítico-comportamentais as contingências responsáveis pela desigualdade entre homens e mulheres (Fontana & Laurenti, 2020; Nicolodi & Hunziker, 2021). Outros estudos têm evidenciado estereótipos de feminilidade, incluindo nessa análise as especificidades das regras sociais sobre comportamentos e corpos de mulheres negras (Mizael et al., 2023). Pesquisas documentais têm explicitado assimetrias de gênero na própria Análise do Comportamento brasileira por meio de evidências de sub-representação das mulheres em posições de prestígio no âmbito acadêmico (Laurenti et al., 2019; Pereira & Marques, 2023). Pesquisas empíricas, por sua vez, têm investigado estereótipos de gênero e demonstrado a existência de vieses de gênero, ou a possibilidade de romper com eles, em diferentes interações sociais (Bortoloti et al., 2021; Oda et al., 2022).

Outra forma de dar visibilidade a esses estereótipos e vieses de gênero é identificá-los nas próprias produções acadêmicas como livros-textos e artigos. Ao examinarem estereótipos de gênero em livros de Introdução à Psicologia e de Psicologia do Desenvolvimento, por exemplo, Peterson e Kroner (1992) concluíram, à época, que não só “a representação do trabalho, da teoria e do comportamento dos homens continua a exceder significativamente a representação do trabalho, da teoria e do comportamento das mulheres”, como também que “as mulheres continuam a ser retratadas de maneiras negativas e tendenciosas em termos de gênero” (p. 17). Na Análise do Comportamento, em particular, Wolpert (2005) examinou essas questões de gênero na reedição, de 1976, do livro ‘Walden two’. A autora reconheceu que na comunidade utópica apresentada por Skinner havia uma preocupação com uma maior igualdade entre os gêneros, especialmente no que se refere ao trabalho e à criação dos filhos. No entanto, segundo Wolpert (2005), o livro não apresentava personagens femininas como protagonistas ao longo de suas páginas, tampouco desenvolveu ou se aprofundou em questões relacionadas às mulheres e suas lutas por igualdade.

O próprio Skinner ficou mais atento a essas questões de gênero. Em 1987, por exemplo, ele realizou algumas correções em suas cópias pessoais de ‘Verbal behavior’, nas quais afirmou que se o livro fosse publicado naquele **data**, seria diferente, pois ele evitaria o uso de termos sexistas. Além disso, o autor enfatizou que seria necessário revisar esses aspectos em todo o manuscrito, mas não o faria por se tratar de uma tarefa muito árdua (Skinner, 1957/2020).

Com relação à produção intelectual de Skinner, em particular, muitos de seus livros traduzidos para o português são utilizados como obras de referência para o ensino nas disciplinas de Análise do Comportamento no Brasil, servindo também como base para a fundamentação de estudos na área (Azoubel et al., 2023; Lopes & Laurenti, 2023). Mesmo havendo limitações nas traduções dos livros de Skinner do inglês para o português (ver Lopes & Laurenti, 2023), é provável que as traduções sejam amplamente empregadas por analistas do comportamento em nosso país, sendo o principal material efetivamente lido, sobretudo, por iniciantes. Com o propósito de ampliar e enriquecer as pesquisas analítico-comportamentais sobre vieses e estereótipos de gênero, focando em obras importantes para a formação acadêmica nacional na área, este estudo se propôs a examinar de que forma Skinner se referiu ao gênero feminino em traduções de seus livros para o português.

Método

Para alcançar o objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa teórica cujas fontes principais foram sete livros de Skinner traduzidos do inglês para o português: *Ciência e comportamento humano* (CCH) (Skinner, 1953/2003); *O comportamento verbal* (OCV) (Skinner, 1957/1978); *Tecnologia de ensino* (TDE) (Skinner, 1968/1972); *Contingências do reforço* (CDR) (Skinner, 1969/1984); *O mito da liberdade* (OMDL) (Skinner, 1971/1973); *Sobre o behaviorismo* (SOB) (Skinner, 1974/2006); e *Questões recentes na análise comportamental* (QRNAC) (Skinner, 1989/1991). Os livros foram selecionados pela segunda autora com base em sua experiência como pesquisadora e estudiosa da obra skinneriana e questões de gênero. Assim, optou-se pelas obras consideradas mais relevantes para o estudo. Inicialmente, foi cogitado incluir a tradução do livro ‘Walden two’ na pesquisa, mas essa hipótese foi descartada por se tratar de uma obra sobre a qual Wolpert (2005) já havia realizado uma análise similar.

Cada uma das obras selecionadas foi examinada em duas etapas. Na primeira, foram mapeados todos os trechos que continham termos referentes ao gênero feminino nos arquivos digitalizados dos livros de Skinner no formato PDF. Para tanto, foi utilizada a função de busca em PDFs, por meio da qual foram encontrados nesses arquivos termos associados ao gênero feminino, como mulher, menina, garota, fêmea; e também termos correlatos, como mãe, namorada, filha, esposa, casada, bonita, linda, maternal, moça e prostituta, que foram acrescentados aos primeiros termos à medida que os trechos do livro eram lidos. Além disso, foram identificados trechos nos quais o termo “girl” foi traduzido como “jovem”. Esses trechos também foram incluídos nos resultados (e.g., Tabela 4, trecho 4).

Os trechos selecionados eram constituídos por frases que continham os termos pertinentes à pesquisa. Com o intuito de obter um maior embasamento no que se refere aos contextos nos quais os termos identificados eram utilizados, optou-se pela reprodução dos parágrafos na íntegra. Se o exame do parágrafo selecionado não oferecia elementos suficientes para análise, foram considerados na leitura dois ou mais parágrafos até que o contexto do uso do termo nas frases reproduzidas pudesse ser caracterizado.

Para cada um dos livros examinados, foram construídos quadros que sistematizaram os trechos recuperados com base nas seguintes informações: cópia literal do parágrafo do trecho selecionado; termos encontrados; número de ocorrências; e análise dos trechos orientados por questões, tais como, “em que contexto argumentativo o termo foi utilizado?” e, “ao utilizá-lo, Skinner recorreu a estereótipos de gênero?”. Os trechos selecionados foram comparados com suas respectivas versões nos livros originais em inglês. Desse modo, foi possível verificar se as eventuais ocorrências de vieses de gênero possuíam relação com a tradução ou, de fato, encontravam respaldo nas palavras de Skinner em língua vernácula. Tal verificação mostrou, por exemplo, que, em alguns casos, a palavra ‘wife’ foi traduzida como mulher em vez de esposa e a expressão ‘housewife’ (dona-de-casa) foi suprimida na versão em português. Contudo, essas trocas não se aplicam

aos trechos nos quais se evidenciou a presença de vieses de gênero, tampouco modificam o sentido dos trechos nos quais esses vieses não foram encontrados.

Na segunda etapa, as menções de Skinner às mulheres, compiladas na etapa anterior, foram agrupadas em três categorias, explicitando declarações que (1) apresentavam vieses de gênero, (2) eram antitéticas a estereótipos sexistas sobre mulheres, e que (3) não apresentavam vieses de gênero. Uma menção foi considerada estereotipada quando Skinner citou as mulheres em exemplos e argumentos próprios, ou em paráfrases de obras ou argumentos de outros autores, nos quais estavam presentes aspectos físicos/biológicos (e.g., capacidade de gestar, amamentar) ou características comportamentais (e.g., fragilidade, docilidade, preocupação com a beleza, abnegação, emotividade, cuidado) comumente utilizadas pela nossa sociedade para classificar e valorar indivíduos como pertencentes ao grupo “mulheres”, vinculando e atribuindo a esses indivíduos, assim nomeados, atividades (e.g., cuidados da prole e dos pares, tarefas domésticas), lugares sociais (e.g., restrição ao espaço privado) e compleição física (e.g., atender a algum padrão de beleza) específicos. Foram classificadas menções antitéticas aos estereótipos de gênero quando Skinner, em suas descrições, argumentos, ou paráfrases, citou as mulheres em situações e atividades contrastantes àquelas usualmente retratadas nas concepções estereotipadas do gênero feminino, como a atuação da mulher no domínio público, tendo destaque em atividades valoradas socialmente, e mesmo compartilhando o cuidado e educação dos filhos com outras pessoas (e.g., cônjuge). Menções às mulheres foram classificadas como não estereotipadas quando Skinner se referiu a homens e mulheres em contextos similares sem incorrer em qualquer distinção e valoração de desempenho de atividades ou ocupação de espaços em função do gênero dos indivíduos; ou quando mencionou o termo ‘fêmea’ ou ‘mãe’ para abordar comportamentos atrelados ao valor de sobrevivência da espécie, como em “os macacos sobreviverão mais provavelmente se os filhotes se agarrarem às suas mães, gritarem e correrem” (Skinner, 1969/1984, p. 321). A caracterização de diferentes tipos de estereótipos sobre as mulheres pautou-se na literatura feminista comportamentalista (e.g., Fontana & Laurenti, 2020; Mizael et al., 2023; Nicolodi & Hunziker, 2021) e não comportamentalista (e.g., Zanello, 2022; Zanello & Porto, 2016); e as análises foram realizadas pela primeira autora sob supervisão da segunda.

Resultados e Discussão

Foram identificados 131 trechos com termos referentes às mulheres nas traduções brasileiras dos sete livros de Skinner consultados. A Tabela 1 especifica a distribuição desse total nas três categorias de análise estabelecidas.

Tabela 1

Dados Absolutos e Percentuais de Trechos com Menções Skinnerianas Estereotipadas, não Estereotipadas, e Antitéticas aos Estereótipos Sobre as Mulheres

Tipos de trechos selecionados	Qtd	%
Trechos que apresentam estereótipos	67	51,1%
Trechos que não apresentam estereótipos	55	42,0%
Trechos antitéticos aos estereótipos identificados	9	6,9%
Total	131	100,0%

Dentre esses trechos, 51,1% dizem respeito a vieses de gênero e 6,9% a trechos antitéticos aos fragmentos estereotipados. Já 42,0% dos trechos analisados não apresentaram vieses de gênero, visto que se referiam a exemplos nos quais a troca dos termos femininos pesquisados por masculinos não incorreria em mudanças significativas de sentido (como a substituição do termo menina por menino). Ainda fazem parte dessa categoria trechos nos quais o autor utilizou a expressão homens e mulheres sem qualquer distinção relativa ao gênero para desenvolver algum argumento ou exemplificação de conceitos, como no caso deste trecho extraído de CCH: “Estudos dos tipos físicos de homens e mulheres predispostos a diferentes espécies de distúrbios têm de tempos em tempos chamado a atenção de estudiosos do comportamento” (Skinner, 1953/2003, p. 17).

A Tabela 2 mostra a quantidade de trechos selecionados por obra investigada, bem como a distribuição deles em termos da presença ou não de vieses de gênero identificados.

Tabela 2

Dados Absolutos e Percentuais de Trechos com Menções Skinnerianas. Estereotipadas, não Estereotipadas, e Antitéticas aos Estereótipos Sobre as Mulheres por Livro

Livro	Trechos com vieses		Trechos sem vieses		Trechos antitéticos aos vieses		Total	
	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%
CCH	23	34,0%	6	10,9%	3	33,3%	32	24,4%
OCV	10	14,9%	29	52,7%	2	22,2%	41	31,3%
TDE	4	6,0%	2	3,6%	3	33,3%	9	6,9%
CDR	10	14,9%	6	10,9%	0	0,0%	16	12,2%
OMDL	6	9,0%	2	3,6%	0	0,0%	8	6,1%
SOB	5	7,5%	7	12,7%	0	0,0%	12	9,2%
QRAC	9	13,4%	3	5,5%	1	11,1%	13	9,9%
Total	67	100%	55	100%	9	100%	131	100%

A obra OCV foi a que mais apresentou menções de Skinner com termos referentes ao gênero feminino em comparação com as demais, com 41 trechos (31,3%); e também a que mais exibiu passagens sem vieses de gênero (29), o que equivale a 52,7% do total de trechos identificados com essa característica. Do total de trechos com vieses de gênero, o livro CCH foi o que mais apresentou passagens com estereótipos femininos, com 23 trechos (34,3%). Em contraste, TDE e CCH foram os livros que mais exibiram trechos antitéticos a visões estereotípicas de mulher, com três trechos cada.

Os trechos selecionados foram agrupados em três categorias. Segue uma descrição pormenorizada de cada uma delas.

Menções Skinnerianas Estereotipadas Sobre as Mulheres

Os trechos com vieses de gênero foram categorizados em cinco temáticas, que dão relevo aos principais tipos de estereótipos sobre a mulher identificados: 1) representação da mulher como figura materna; 2) aparência e beleza como características definidoras do valor atribuído à mulher; 3) objetificação feminina pautada em um ideal de pureza e subserviência; 4) bem-estar da família e das relações afetivas como atribuição da mulher; 5) inferioridade intelectual feminina¹.

Representação da Mulher Como Mãe

Dos 67 trechos com vieses de gênero, em 38 deles Skinner referiu-se às mulheres no papel de mãe. A Tabela 3 mostra alguns exemplos desses trechos.

Tabela 3
Exemplos de Trechos Relativos ao Estereótipo da Mulher Como Figura Materna nos Livros Examinados

Livro	Exemplos de trechos
CCH	1. Um psicólogo de crianças sugeriu que as mães que não querem ficar implicando com os filhos o tempo todo deveriam fechar a boca com esparadrapo (p. 255). 2. Quando um bebê chora para chamar a atenção da mãe, gera um estímulo aversivo que cessa quando a mãe o atende. Como resultado, o comportamento materno de prestar atenção será reforçado (p. 342). 3. A mãe reforça o filho com uma demonstração de afeição quando o comportamento da criança é especialmente bom ou certo (p. 355).
OCV	4. Uma mulher que havia convidado J. P. Morgan para almoçar, advertiu à filhinha para que não mencionasse seu enorme nariz. O resultado imprevisto foi que a menina permaneceu durante todo o almoço com os olhos fixos no nariz de Mr. Morgan. Quando a situação se tornou insustentável, a mãe mandou que a criança se retirasse da mesa e tentou apressadamente disfarçar seu constrangimento com uma observação maneirosa (p. 243).
TDE	5. Há uma mulher em Bonal, que educa suas crianças melhor que todas as outras mães. O nome dela é Gertrudes (p. 121).
CDR	6. Um estudante defendeu certa vez o uso da punição com a seguinte história: Uma jovem mãe foi visitar a sua família, levando junto seu filhinho de cinco anos. O menino imediatamente trepou no banco do piano e começou a bater nas teclas. Foi quase impossível conversar e a visita foi um fracasso. (p. 213).
OMDL	7. A mãe aprende a tomar o bebê nos braços a fim de conseguir que deixe de chorar e até poderá fazê-lo antes que o bebê aprenda a chorar para que lhe peguem ao colo. Durante um certo lapso de tempo, só o comportamento da mãe é intencional, mas o da criança poderá também passar a sê-lo (p. 135).
SOB	8. A tendência poderia ser inata, de vez que há um valor de sobrevivência, por exemplo, no comportamento de uma mãe que alimenta seu filho, cuida dele e dos perigos e que, assim fazendo, propicia condições classificadas como reforçadores positivos e negativos; todavia, as contingências sociais de reforço geram um comportamento comparável. (p. 151).
QRNAC	9. Uma mulher tem um bebê. É seu filho, e nós a valorizamos por sua obra. Entretanto, os geneticistas nos dizem que ela não é responsável por nenhuma das suas características. Ela lhe conferiu metade dos genes, mas ela os recebeu metade do seu pai e metade da sua mãe. Ela abrigou e nutriu o feto em desenvolvimento, mas não deu nenhuma outra contribuição. Ao falar assim, porém, nós a privamos do mérito de dar à luz um bebê e, com certeza, destruímos seu senso de valor (p. 47).

Ao referir-se às mulheres predominantemente como mães, Skinner remonta à prática cultural historicamente selecionada, em nossa sociedade, da “maternidade compulsória”, que atrela a capacidade de procriação à necessidade de procriação. De acordo com Scheffer et al. (2023), “as mulheres, por questões e motivos culturais, sempre estiveram expostas desde a infância a práticas que reforçam a

naturalização da maternidade compulsória, sendo ela uma maneira de reafirmar a identidade feminina” (p. 126).

Em vários trechos reproduzidos na Tabela 3, o autor recorre à figura da mulher como mãe para ilustrar princípios comportamentais, elucidar questões teóricas de uma perspectiva comportamentalista, ou para sustentar uma linha argumentativa. Vale destacar que, nesses exemplos, há uma sobreposição tácita não só entre capacidade e necessidade de procriação, mas também entre capacidade de procriação e maternagem (cuidado): “se a primeira ainda é possibilidade de apenas parte da população humana; a segunda é uma habilidade que pode ser desenvolvida em qualquer um(a)” (Zanella & Porto, 2016, p. 104). Embora Skinner não esteja defendendo explicitamente essas sobreposições, as situações descritas nas quais o cuidado de crianças está em pauta é a figura da mãe que é citada. A figura materna é a que é mencionada, por exemplo, nas situações de reforçamento e/ou extinção dos comportamentos apresentados pela criança. As descrições skinnerianas das interações entre cuidadores e crianças são, assim, compatíveis com o estereótipo de que a mãe deve se responsabilizar integralmente pela criação dos filhos, e que, em geral, não se espera que os homens se comprometam de forma ativa com a maternagem.

A ausência de tais expectativas em relação aos homens pode ser justificada pelo fato de a maternidade e os cuidados a ela relacionados terem se tornado uma questão identitária para as mulheres, ao passo que a paternidade envolve outras questões, como a de ser o provedor material do lar. Assim, o fato de um homem não estar presente na vida dos filhos, desde que ele se comprometa a mantê-los (materialmente), não interfere no que a sociedade espera dele como pai ou em sua identidade como tal (Zanella, 2022).

Contudo, é relevante mencionar que as situações cotidianas nas quais Skinner descreve mulheres cuidando, educando ou simplesmente na companhia de seus filhos, por motivos e em contextos diversos, podem ser entendidas também como uma descrição relativa à parte das contingências sociais em vigor no momento em que os livros foram redigidos. Dessa forma, não se pode ignorar o fato de que o autor foi influenciado pela época na qual viveu, tanto pelas transformações ocorridas quanto pela cultura ainda vigente e, na condição de homem branco, que se manteve em uma posição privilegiada durante toda a vida, é esperado que haja em seus livros aspectos relacionados às contingências machistas e patriarcais que fizeram parte do seu ambiente (Wolpert, 2005).

Esses aspectos, quando apresentados sem uma visão mais ampla, podem corroborar para o fortalecimento de estereótipos de gênero como os que foram evidenciados nessa temática. Entretanto, a explicitação dessa problemática pode contribuir para que o papel da mulher na sociedade como mãe seja repensado (evidenciando que tal lugar não é o único possível e tampouco obrigatório ou norteador de suas prioridades), bem como tratar de forma mais crítica a participação dos pais (homens) de forma efetiva na criação de seus filhos.

Aparência e Beleza Como Atributos Femininos

Em sete trechos, Skinner referiu-se às mulheres como indivíduos que se diferenciam dos homens por se preocuparem mais com a aparência estética. A Tabela 4 mostra alguns trechos representativos desse aspecto.

Tabela 4

Exemplos de Trechos Relativos ao Estereótipo da Valorização da Aparência e Beleza Como Atributos Femininos Identificados nos Livros Examinados

Livro	Exemplos de trechos
CCH	1. Um homem de grande riqueza, um bandido com uma arma ou uma mulher extremamente linda são exceções ocasionais à regra de que o indivíduo raramente é, enquanto simplesmente um indivíduo, capaz de alterar de modo considerável as variáveis que afetam outras pessoas (p. 343). 2. Como os publicitários bem o sabem, as respostas e as atitudes eliciadas por lindas garotas, bebês e cenas agradáveis podem ser transferidas para marcas, produtos, estampas de produtos, e assim por diante (p. 63). 3. Quando as mulheres empregadas em uma fábrica começaram a criar confusão no fim do dia de trabalho, correndo pelo corredor para a saída, o gerente colocou espelhos ao longo do corredor para evocar respostas de ajustar o vestido e aplicar cosméticos. Esse comportamento provou ser incompatível com o de correr pelo corredor (p. 345). 4. O homem forte usa as variáveis que derivam de sua força. O rico recorre ao dinheiro. A jovem bonita usa reforço sexual primário ou condicionado. O fraco torna-se sicofanta. A megera controla através de estimulação aversiva (p. 343).
CDR	5. Tem sido sempre particularmente fácil aos bárbaros montarem um ataque contra uma civilização mais avançada que enfatize os deleites da comida e do sexo. Já se disse, por exemplo, que os vinhos da Itália (e presumivelmente suas mulheres bonitas e bem cuidadas) tornavam Roma particularmente vulnerável (p. 218). 6. Uma suscetibilidade moderada ao reforço sexual seria o bastante para fazer de cada moça bonita a ocasião para uma tentativa de sedução, se os primeiros sucessos tivessem sido favoravelmente programados (p. 221).
OMDL	7. Cortejamos a tentação, como o santo no deserto que elevou ao mais alto grau as virtudes de uma vida austera, pela proximidade de belas mulheres ou deliciosas iguarias (p. 43).

Em três dos sete livros analisados, foram identificadas menções ao gênero feminino nas quais Skinner se refere às mulheres como lindas ou bonitas e atribui

a esses adjetivos seu sucesso e/ou atratividade perante os homens e a sociedade em geral. Nesses trechos, Skinner dá exemplos de que a beleza, o poder de sedução, a aparência física, são típicos do controle do comportamento exercido por mulheres, ao passo que no caso dos homens, o controle repousa em símbolos de status (dinheiro) e agressividade (arma e força).

De acordo com esses trechos, mulheres não apenas podem se valer da aparência para controlar o comportamento de homens, como também o comportamento delas pode ser mais facilmente controlado em intervenções que manipulam variáveis associadas a esse aspecto, como exemplificado no trecho 3 da Tabela 4. Dessa forma, o modo como Skinner referiu-se às mulheres nos trechos citados corrobora com o estereótipo de que a mulher é valorizada por sua aparência estética e atratividade sexual, enquanto os homens por seus bens materiais e conquistas (Moreno, 2016; Novaes & Vilhena, 2003).

Em sociedades patriarcais, como a nossa, os pares homem/masculino e mulher/feminino não demarcam apenas diferenças, mas também uma hierarquização pautada em um controle ético no qual tudo o que está atrelado ao feminino tem um valor social negativo (Fontana & Laurenti, 2020; Freitas & Moraes, 2019; Laurenti, 2023). Dessa perspectiva, preocupar-se com a aparência, dada a sua associação com o feminino, é considerado algo fútil e de menor valor em comparação a atributos vinculados ao masculino.

Sobre essa questão, Zanello (2022) destaca que, em nossa sociedade, a beleza se encontra estreitamente associada à autoestima da mulher, pois esse sentimento é construído e validado com base na possibilidade de a mulher ser escolhida por um homem; e que tal escolha dependerá do quão próxima ela estiver de um ideal estético específico. Dessa forma, na medida em que a mulher se distancia desse ideal, aumentam as possibilidades de preterimento afetivo e de que ela passe a ser vista apenas sob a ótica da objetificação sexual. A autora nomeia essa dinâmica de “dispositivo amoroso”, no âmbito do qual “meninas e mulheres aprendem que só são desejáveis se houver alguém as desejando” (Zanello, 2022, p. 67).

Fontana e Laurenti (2020) argumentam também que a busca incessante por adequação aos padrões de beleza por parte das mulheres, com base em parâmetros estéticos definidos pelos homens, pode ser entendida como efeito de um tipo de violência simbólica. Isso se deve ao fato de que a relação da mulher com o próprio corpo encontra-se permeada por contingências de dominação masculina, o que faz com que a emissão de determinados comportamentos relativos ao cuidado com a própria aparência, por exemplo, esteja relacionada à obtenção de reforçadores sociais específicos importantes, como ser escolhida e não rejeitada por homens nas relações afetivas (Zanello, 2022).

Cabe mencionar, ainda, que o modo como Skinner reportou-se às mulheres nos exemplos citados anteriormente podem remeter também à forma como a sociedade estadunidense do século XX atribuiu valor à mulher. No entanto, na medida em que as menções relativas ao valor atribuído à mulher aludem a essas características, o estereótipo de que as mulheres devem ser valorizadas, essencialmente, em função de sua aparência é endossado. Assim, argumentar que as mulheres têm em sua aparência (quando consideradas belas) uma variável de controle sobre o

comportamento das outras pessoas (especialmente os homens) pode ser compatível com o estereótipo de gênero que atrela a preocupação com a aparência à mulher. Em vista disso, tem-se um convite para refletir a respeito das variáveis responsáveis pela forma como a mulher é valorizada atualmente, e as implicações psicológicas e sociais dessa valorização.

A Objetificação Feminina Pautada em um Ideal de Pureza e Subserviência

Os resultados obtidos nessa temática evidenciaram 19 trechos nos quais foram identificados vieses de gênero que remetem à objetificação feminina com base na idealização masculina de que a mulher deve ser casta e subserviente. Outros termos como garota e prostituta, embora menos expressivos (duas e uma ocorrências nos livros CCH e OMDL, respectivamente), incorreram na presença do mesmo viés, como exemplificado na Tabela 5.

Tabela 5

Exemplos de Trechos Relativos ao Estereótipo de Objetificação Feminina Pautada em um Ideal de Pureza e Subserviência Identificados nos Livros Examinados

Livro	Exemplos de trechos
CCH	1. Na prática usa-se a saciação . . . quando se recomenda a prostituição legalizada com base na afirmação de que ela reduz a probabilidade do comportamento sexual em membros da população que poderiam, se insatisfeitos, atacar mulheres inocentes (p. 162).
	2. A garota que deseja um novo encontro deve assegurar-se de que o comportamento de seu namorado convidando-a e comparecendo ao encontro seja apropriadamente reforçado (p. 81).
	3. Medidas assim severas poderiam ser justificadas apenas pelo argumento de que o comportamento sexual era errado, embora fosse muito poderoso, e que o comportamento sexual agressivo do homem deveria ser prevenido com defesas excepcionais da mulher (p. 457).
OCV	4. [“Não tinha ele sete mulheres para desposá-lo, e cada mulher tinha suas sete muletas e cada muleta suas sete formas, e cada forma tinha um grito diferente”], combinam-se vários temas locais e sequências intraverbais padronizadas com a moldura intraverbal da canção rimada infantil <i>As I was going to St. Ives</i> [“Quando eu estava indo para Saint Ives”] (p. 368).
	5. Tem sido sempre particularmente fácil aos bárbaros montarem um ataque contra uma civilização mais avançada que enfatize os deleites da comida e do sexo. Já se disse, por exemplo, que os vinhos da Itália (e presumivelmente suas mulheres bonitas e bem cuidadas) tornavam Roma particularmente vulnerável (p. 218).
CDR	6. Uma suscetibilidade moderada ao reforço sexual seria o bastante para fazer de cada moça bonita a ocasião para uma tentativa de sedução, se os primeiros sucessos tivessem sido favoravelmente programados (p. 221).
	7. Casanova contou o caso de uma jovem que praguejava enquanto possuía, em parte para atrair a atenção de um jovem exorcista atraente, mas também em parte para poder agir como bem entendia, culpando o demônio dentro dela pelo comportamento (p. 375).
OMDL	8. Para não sermos condenados por procedimentos censuráveis, alegamos motivos irresistíveis, como observou Choderlos de Laclos em “As Relações Perigosas: “Uma mulher deve ter um pretexto para se entregar a um homem. E qual deles será melhor do que parecer tê-lo feito à força?” (p. 43).
	9. Segundo a perspectiva tradicional, uma pessoa percebe o mundo em torno de si e age de modo a que se torne conhecido para ela. Em certo sentido, ela o alcança e o apreende. Ela “o toma” e o possui. Ela o “conhece”, no sentido bíblico em que um homem conhece uma mulher (p. 147).
SOB	10. O homem que dá pontapés na máquina de vender cigarros porque esta não lhos entregou, ou que grita com a mulher porque ela se esqueceu de comprá-los, o faz, segundo se diz, em virtude de um sentimento de frustração. A expressão “expectativas frustradas” refere-se especificamente a uma condição produzida pelo término de um reforço habitual (p. 53).
QRNAC	11. Foi Juvenal quem perguntou quis custodiei ipsoscustodes?, numa ocasião em que discutia o problema do marido ciumento; se ele colocasse sua mulher na mão de guardas, ela lhe seria infiel com os guardas . . . poder-se ia dizer que o marido resolveria seu problema através da fidelidade. Guardas leais (ou uma esposa leal) resolveriam seu problema (p. 159).

Os trechos da Tabela 5 remetem ao estereótipo de que uma mulher é valorosa quando casta e assexuada, reiterando, por exemplo, a distinção entre mulheres ditas inocentes e não inocentes (prostitutas) (e.g., trecho 1 da Tabela 5), e sugerindo ainda que uma mulher só ganharia respeito quando simulasse desinteresse afetivo-sexual por um pretendente, e não poderia tomar a iniciativa convidando-o para um encontro, mas valer-se de subterfúgios para que ele o fizesse (e.g., trecho 8).

Esses e outros trechos são compatíveis com uma dualidade machista entre mulheres inocentes e não inocentes, entre “a Eva pecadora e a Virgem Maria assexuada” (Scheffer et al., 2023, p. 124), entre as aptas e as não aptas para o casamento, atrelada à tradição judaico-cristã. As primeiras (as inocentes) são representadas por vários estereótipos sexistas como a imprescindibilidade da virgindade feminina, que passa a ser o “medidor” (p. 124) da pureza feminina, e a abdicação ou ausência de desejos sexuais. As não inocentes ou luxuriosas são estigmatizadas pela quantidade de parceiros sexuais que tiveram ao longo da vida e pela presença de desejos sexuais. Entre as virgens e as promíscuas estão mulheres que já não possuem mais sua virgindade, como as casadas e as viúvas, mas que angariam mais respeitabilidade que as promíscuas pelo status do casamento e da fidelidade ao marido. A explicitação de desejos sexuais por uma mulher colocaria em xeque o ideal de pureza e moralidade femininas. Uma mulher “sexuada”, por exemplo, já foi associada à imagem do demônio, “símbolo do pecado e da tentação” (Scheffer et al., 2023, p. 125).

Dada a suposta natureza impura da mulher, os homens devem sempre mantê-las sob sua tutela e vigilância. Um exemplo dado por Skinner (ver trecho 11) alude a esse estereótipo. Ao tecer considerações sobre o conceito de lealdade usando a figura de um marido ciumento, Skinner (1989/1991) argumenta que o ciúme não se resolveria deixando a esposa aos cuidados de um grupo de guardas quando o marido não estivesse em casa, pois, a esposa poderia traí-lo com os guardas. A solução, nesse caso, seria obtida por meio da fidelidade dos guardas ou da esposa.

Enquanto uma mulher valorosa é aquela caracterizada por ser “assexual”, Skinner corrobora o estereótipo de que os homens, em contraste, são promíscuos (Zanello, 2022). Em OCV, para exemplificar o que são sequências intraverbais padronizadas, Skinner utiliza um poema de James Joyce do qual faz parte o seguinte fragmento: “Não tinha ele sete mulheres para desposá-lo, e cada mulher tinha suas sete muletas e cada muleta suas sete formas, e cada forma tinha um grito diferente” (Skinner, 1953/2003, pp. 368-369). Embora o autor tenha recorrido aos versos mencionados para elucidar uma explicação teórica, chama atenção que, entre tantos poemas, tenha sido selecionado um que se refere à promiscuidade masculina como algo corriqueiro. Como mencionado no Método, também foram agrupadas menções de Skinner às mulheres mesmo quando o autor parafraseava ou citava obras de outras pessoas, como é o caso em pauta. Entendemos ser plausível pensar que quando parafraseamos falas enviesadas, se não apresentamos críticas, podemos estar endossando essas posições.

Bem-Estar da Família e das Relações Afetivas Como Atribuição Exclusiva da Mulher

Considerando que essa temática evidenciou apenas duas ocorrências em OCV que remetem diretamente ao estereótipo da mulher como a responsável pelos cuidados da família (representando 3% dos trechos analisados), optamos por não construir uma tabela para apresentar esses trechos.

Em OCV, ao explicar o que é uma logopéia, Skinner cita este poema: “Anuncie com sinos a saída do antigo e a chegada do novo, bem como do tema comum de mulheres lavando roupa ao ar livre” (Skinner, 1957/1978, p. 340). Em seguida, o autor tece considerações sobre a musicalidade dos versos. O que chama a atenção, no entanto, é a escolha de versos que reportam a uma atividade doméstica historicamente imposta a muitas mulheres, a qual faz parte das inúmeras tarefas desempenhadas por elas com o intuito de atender às necessidades de seus familiares.

Sobre isso, Soares (2008) destaca que, independentemente da condição familiar, as mulheres participam com mais intensidade e gastam um número de horas bem mais elevado do que os homens no cuidado de tais atividades. Ainda, de acordo com Passos e Souza (2021), apesar de o antigo modelo de homem provedor e mulher cuidadora não ser mais a marca das sociedades ocidentais, as assimetrias dos papéis sociais pautados no gênero dos indivíduos persistem.

Em outro trecho extraído de OCV, para explicar o comportamento de imitar, Skinner se vale de um exemplo retirado do livro *Guerra e paz*, de Tolstói, no qual cita os cuidados prestados a um ente querido em situação de enfermidade. O autor, então, evoca a figura de uma filha que Tolstói afirma ter passado a imitar o pai doente devido à quantidade de tempo despendido em sua companhia enquanto lhe prestava cuidados. O trecho em questão, ainda que vise exemplificar um processo comportamental (imitação), remete ao estereótipo de que as mulheres são as responsáveis pelo cuidado dos membros da família quando estes adoecem. É importante ressaltar que o papel da mulher como responsável pelo cuidado é visto como “natural”, não obstante ser resultado de práticas historicamente instituídas. Zanello (2022) vale-se da noção de dispositivo materno para ressaltar o caráter sociohistórico da identificação da mulher com a noção de cuidado. Nas palavras da autora: “o dispositivo aponta para uma interpelação das meninas e mulheres no ‘heterocentrismo’” (p. 84). Isso significa que as mulheres são ensinadas a serem abnegadas, colocando necessidades e interesses dos outros em primeiro lugar; “sendo mulheres, faria parte de sua suposta ‘essência’ e ‘vocação’ serem maternas e sempre estarem disponíveis para cuidarem dos outros” (p. 84).

Mais uma vez, vale ponderar que os trechos citados anteriormente podem dar relevo a práticas culturais sobre gênero da época dos autores mencionados por Skinner ou aquelas pertencentes ao seu próprio contexto social. Mesmo assim, o ponto a ser ressaltado é a importância de discutir que certas formas de citar as mulheres, priorizando determinados cenários e atividades de forma recorrente (e.g., tarefas domésticas, cuidado), seja em exemplos, paráfrases e argumentos, podem contribuir para a naturalização de práticas culturais generificadas, e, por conseguinte, à manutenção de uma sociedade sexista e machista.

Inferioridade Intelectual Feminina

Outro aspecto identificado consta em um exemplo que evoca o estereótipo da limitação cognitiva atribuída às mulheres. De acordo com Gusmão (2012), a noção de inferioridade intelectual das mulheres foi endossada ao longo da história, inclusive por pesquisas científicas.

Assim como na temática anterior, por se tratar de apenas uma ocorrência, não foi construída uma tabela para apresentar esses trechos. Vale frisar que o trecho em questão não incorre em um viés de gênero explícito, mas na medida em que faz alusão a uma suposta incapacidade da mulher em entender determinados processos que exigem certo grau de raciocínio lógico e instrução, remete ao estereótipo de que o intelecto feminino é inferior ao masculino.

Em CCH, Skinner (1953/2003) transcreve uma observação realizada por Francis Galton para discorrer sobre o estudo da mente (p. 341), na qual o cientista afirma que os traços de inteligência se manifestam de forma mais introvertida em mulheres e crianças quando comparados às suas ocorrências em homens. Galton realizou tal afirmação no século XIX, uma época na qual as mulheres raramente eram incentivadas a adquirir conhecimentos para além do estritamente necessário e, muitas vezes, punidas caso demonstrassem interesse em obtê-los, visto que, durante o século XIX, a opinião geral que se tinha sobre a mulher era a de que ela não passava de “um ser emotivo, frágil ou mesmo enfermo, mas naturalmente abnegado e dócil, cuja vocação instintiva era a maternidade e o serviço aos outros” (Lopes, 2017, p. 27). Embora Skinner, ao citar esse exemplo, não esteja necessariamente subscrevendo a concepção de Galton sobre a inferioridade feminina, as passagens foram registradas e analisadas para ressaltar que a forma com a qual nos reportamos às mulheres, sem ponderar vieses, pode ser condescendente com práticas verbais que ocultam as contingências sociais responsáveis pela produção e valoração diferencial de comportamentos atrelados ao gênero masculino e feminino.

Declarações Antitéticas a Estereótipos de Gênero

Do total de trechos selecionados, 9 deles ilustram menções de Skinner que se contrapõem a concepções estereotípicas das mulheres. Alguns dos trechos representativos desta categoria estão apresentados na Tabela 6.

Tabela 6

Exemplos de Trechos Antitéticos aos Estereótipos de Gênero Identificados nos Livros Examinados

Livro	Exemplos de trechos
CCH	1. Há muitos anos pediu-se a uma jovem que falasse em um jantar advogando a rejeição da Lei de Proibição de Bebidas Alcoólicas. Como resultado, mais tarde o beber gera estímulos condicionados aversivos que evocam respostas incompatíveis com o beber mais (p. 231). 2. Uma criança perdida na multidão sofre de um modo ainda diverso: todo o comportamento que foi anteriormente reforçado pelo aparecimento da mãe ou do pai agora falha: ela olha ao redor mas não os vê; chama-os e chora, mas não responde (p. 181).
OCV	3. Antes de deixar sua bem-amada Roma, talvez para sempre, Corina passa toda uma noite indo de um ponto a outro da cidade, proclamando elaboradas despedidas para cada um desses logradouros. Uma mulher da mesma educação e formação de hoje provavelmente evitaria todas essas “cenas”, e ocupar-se-ia, talvez, com questões banais para evitar qualquer verbalização no momento da partida (p. 476).
TDE	4. O estudante é aceito na companhia de homens e mulheres instruídos com todas as suas honras e práticas cabalísticas; entende as alusões que fazem, goza os mesmos privilégios e partilha do seu esprit de corps (p. 138). 5. Os pais ensinam os bebês a falarem reforçando seus primeiros esforços com aprovação e afeição, mas estas não são as consequências naturais da fala . . . O bebê aprende a dizer “mama”, “papa”, “colher” ou “copo” meses antes de ser capaz de chamar o pai ou a mãe ou identificá-los frente a um estranho (p. 82).
QRNAC	6. Os estudantes passarão mais tempo na escola. Começarão mais cedo, em parte porque haverá menos cuidado disponível em casa, uma vez que as mães vão se profissionalizar (p. 129).

Embora pouco expressivos em termos quantitativos, tais resultados são relevantes por mostrarem possibilidades de se reportar às mulheres de forma contrária a estereótipos histórica e socialmente difundidos sobre elas, colocando-as em situações socialmente valorosas, até então protagonizadas por figuras masculinas nos exemplos skinnerianos. Em um trecho do livro CCH (trecho 1), ao colocar uma jovem em posição de destaque no contexto de um diálogo complexo, Skinner contraria a lógica da inferioridade intelectual feminina. Em OCV, por sua vez, Skinner inverte o estereótipo no qual a mulher geralmente figura em segundo plano na presença de um homem ao valer-se de uma história na qual a personagem central é uma heroína (e não um herói) (trecho 3). Essa passagem contrasta com todos os demais exemplos retirados de obras literárias ou científicas citados por Skinner, que caracterizaram a mulher em uma posição submissa em relação ao homem.

Já em QRNAC (trecho 6), é possível observar um exemplo no qual Skinner menciona a carreira profissional da mulher. Chama a atenção, nesse caso, a afirmação de que “as mães irão se profissionalizar”, visto que, no decorrer de todos os livros citados, as menções nas quais o autor se refere às mulheres como mães estavam relacionadas aos cuidados dos filhos. Além disso, é preciso mencionar as ocorrências nas quais o autor atribui ao pai parte da responsabilidade pela educação e criação de seus descendentes (e.g., trechos 2 e 5). Com isso, Skinner dá exemplos que colocam em xeque a identificação entre figura materna e maternagem, bem como a aceitabilidade social da ausência paterna no cuidado dos filhos.

Ainda, é preciso considerar que Skinner teve a oportunidade de presenciar o movimento feminista, entre as décadas de 1960 e 1980, que ficou conhecido como segunda onda, bem como seus desdobramentos. Desse modo, é de se esperar que, assim como a conjuntura machista da cultura do século XX, as reivindicações do movimento feminista possam ter tido também alguma ressonância em sua escrita (Wolpert, 2005).

Wolpert (2005), por exemplo, examinou esse ponto no livro *Walden Two* (1976). No prefácio da reedição do livro de 1976, a autora chama a atenção para uma referência do próprio Skinner à condição de sua esposa, Yvonne, a qual se encontrava presa ao papel tradicional de dona-de-casa reservado às mulheres de sua classe e mostrava certa insatisfação com seu estilo de vida: “Eu tinha visto minha esposa e suas amigas lutando para se salvarem da vida doméstica, estremecendo quando digitavam ‘dona-de-casa’ naqueles campos que perguntam sua ocupação” (Skinner 1976, p. v, citado em Wolpert, 2005, p. 187). A respeito da menção do autor na republicação da obra, Wolpert (2005) afirma que esse trecho remete à questão central levantada no livro *A Mística Feminina*, publicado em 1963, pela ativista Betty Friedan. Considerado um marco da segunda onda feminista, o livro trata de como os comportamentos femininos foram limitados à busca por um marido e uma vida centrada na criação de filhos e afazeres domésticos, deixando claro o sofrimento que essa dinâmica causava às mulheres.

Declarações Skinnerianas sem Vieses de Gênero

Um total de 55 trechos (42,0%) selecionados neste estudo não apresentou vieses de gênero. Essas passagens geralmente remetem a explicações relativas à filogênese, aspectos gramaticais do comportamento verbal e trechos referentes à teoria analítico-comportamental em geral nos quais o autor se refere a homens e mulheres sem incorrer em distinções relativas ao gênero dos envolvidos. Exemplos desses trechos podem ser verificados na sequência.

Tabela 7

Exemplos de Trechos que não Apresentaram Estereótipos de Gênero nos Livros Examinados

Livro	Exemplos de trechos
CCH	1. Estudos dos tipos físicos de homens e mulheres predispostos a diferentes espécies de distúrbios têm de tempos em tempos chamado a atenção de estudiosos do comportamento (p. 26). 2. Usam-se escolas para apelar aos procedimentos governamentais e para treinar homens e mulheres de acordo com as necessidades do Estado, enquanto que a educação que poderia se opor ao programa governamental é evitada através do controle da palavra e da imprensa (p. 479).
OCV	3. Ao ouvir o par de versos Heróicas abafando os soluços e as queixas. As mulheres, tecendo os fios das madeixas a resposta ecóica para madeixas combina-se com um fragmento ecóico de queixas, que o precede (p. 337). 4. “Um homem de Boston e uma mulher de New Bedford” a conexão intraverbal entre homem e mulher pode ter invertido a ordem normal: A Boston man and a New Bedford woman (p. 423).
TDE	5. As questões a serem respondidas são estas: afinal, por quê homens e mulheres se tornam professores? Por quê ensinam do modo como o fazem? Como podem ensinar mais eficientemente? (p. 238). 6. É preciso admitir que mesmo nas chamadas culturas desenvolvidas, muito poucos homens e mulheres chegam a realizar o seu potencial, e que, em outras partes, há uma vergonhosa perda de potencial (p. 247).
CDR	7. Peterson mostrou que a estampagem (imprinting) no patinho é principalmente uma questão de ser reforçado pela proximidade maior da mãe ou do objeto estampado (imprinted); a proximidade maior é reforçadora mesmo quando, acompanhando um aparelho mecânico, o patinho se afasta da mãe (p. 267).
OMDL	8. O jogador se volta contra as leis anti jogo, e o alcoólatra contra qualquer tipo de proibição, do mesmo modo que uma criança ou prostituta podem estar dispostas a trabalhar pelo que lhes é oferecido (p. 33).
SOB	9. Uma pessoa controla outra no sentido de que se controla a si mesma. Ela não o faz modificando sentimentos ou estados mentais. Dizia-se que os deuses gregos mudavam o comportamento infundindo em homens e mulheres estados mentais como orgulho, confusão mental ou coragem, mas, desde então, ninguém mais teve êxito nisso (p. 156).
QRNAC	10. Empréstimo uma palavra do mundo da mágica, nós diríamos que o mestre “esvaneceu” as incitações e pistas, removendo-as tão rápido quanto possível. O comportamento verbal pode ser ensinado da mesma maneira ... eu ensinei minha filhinha a recitar 15 versos do Evangeline, de Longfellow rapidamente e sem sofrimento, incitando, dando pistas e diminuindo-as. Escrevi os versos no quadro negro e convidei-a a ler. Os versos incitaram seu comportamento (p. 122).

Nos trechos citados na Tabela 7, Skinner (1968/1972) não atribui características ou funções que contribuem para que um gênero seja considerado mais apto que o outro na realização de tarefas específicas, ou mais valorizado em decorrência de suas características físicas, cognitivas ou situação financeira. Ao referir-se à importância de “não desperdiçar o potencial de homens e mulheres” em TDE (trecho 6), por exemplo, o autor coloca ambos os gêneros em um contexto de paridade, contribuindo, ainda que discretamente, para um processo de desnaturalização dos papéis de gênero impostos socialmente. Outro exemplo similar, porém, em um contexto educacional, se dá quando ao referir-se à importância de entender o que leva homens e mulheres a tornarem-se professores, bem como as formas de otimizar o processo de ensino realizado por ambos os gêneros, o autor afirma que tanto homens quanto mulheres são perfeitamente capazes de seguir o caminho profissional da docência. Em nenhum momento, nesses exemplos, Skinner (1968/1972) se vale de uma visão estereotipada na qual as motivações para aderir ao referido cargo estejam relacionadas à realização de atividades atribuídas ao gênero dos indivíduos, como a maternidade ou tarefas domésticas, por exemplo.

Com relação a exemplos que visam exemplificar conceitos específicos da teoria analítico-comportamental, Skinner (1957/1978), em OCV, se atém a explicações referentes à musicalidade de versos, construções de sentenças gramaticais e aspectos da linguagem como repetição de palavras e sons. Para tanto, em algumas ocasiões, o autor faz uso de versos e expressões nas quais alguns termos relativos ao gênero feminino podem ser identificados. Porém, os trechos construídos com essa finalidade não apresentam vieses de gênero, uma vez que se tratam de exemplos nos quais não ocorreria mudanças significativas de sentido caso os termos utilizados fossem substituídos por termos masculinos.

Já em CDR, Skinner (1969/1984), visando explicar o processo de estampagem (‘imprinting’), refere-se ao comportamento de um patinho em relação à sua mãe. O autor utiliza, no decorrer do mesmo livro, exemplos similares envolvendo macacos e um bebê humano. Contudo, os trechos mencionados não apresentam vieses de gênero, pois tecem explicações relativas à sobrevivência da espécie (filogênese). O mesmo se aplica a exemplos nos quais Skinner (1969/1984) empregou o termo fêmea para elucidar explicações a respeito do comportamento de golfinhos e da competição por alimento e parceiros para acasalamento entre determinadas espécies.

Considerações Finais

O objetivo desta pesquisa foi realizar uma análise da forma como Skinner se referiu às mulheres em seus livros traduzidos para o português. Os achados deste estudo corroboram outras pesquisas que explicitaram a presença estereótipos de gênero em textos acadêmicos (e.g., Peterson & Kroner, 1992; Wolpert, 2005). Identificamos trechos nos quais Skinner se referiu às mulheres de formas estereotipadas, o que pode contribuir para a manutenção de uma concepção essencialista de mulher, e que historicamente tem perpetuado e justificado desigualdades e uma posição de inferioridade das mulheres em relação aos homens. Contingências sociais patriarcais estão presentes em diferentes esferas da sociedade

e podem, portanto, controlar a escrita acadêmica. Contudo, evidenciamos também declarações skinnerianas sobre as mulheres que não subscreviam vieses de gênero, ou mesmo eram explicitamente contrários a eles. Trata-se de trechos que poderiam ser mais visibilizados como exemplos de uma escrita acadêmica mais compatível com a desconstrução de mitos sociais sobre as mulheres.

A invisibilização de estereótipos contribui não só para a perpetuação de regras e de outros controles sociais que fortalecem desigualdades entre gêneros, como também vai na contramão de uma análise científica do comportamento. Como argumentam Peterson e Kroner (1992): “os/as alunos/as terão muitos estereótipos, que já possuem sobre mulheres e homens, reforçados, quando deveriam questionar esses estereótipos e desenvolver visões mais precisas do comportamento humano” (p. 34). Nesse sentido, este estudo, ao evidenciar possíveis vieses e estereótipos de gênero presentes nas traduções da obra skinneriana, pode contribuir para um ensino mais crítico da teoria analítico-comportamental, voltado ao encorajamento da identificação e discussão desses vieses e estereótipos. Além disso, tal análise oferece também a possibilidade de uma revisão do material consultado nos cursos voltados à teoria analítico-comportamental, especialmente no que se refere aos acadêmicos e acadêmicas iniciantes.

Com relação à escolha de trechos literários, poemas e citações de outros autores utilizadas por Skinner, cabe mencionar que o posicionamento dos escritores de tais trechos não alude, necessariamente, à concordância ou discordância do autor quanto à forma como esses escritores retrataram as mulheres. Todavia, caberia também a Skinner, se considerasse conveniente, a busca por outros trechos, poemas e citações que não remetem ou subscrevem vieses de gênero. Ainda, caso a substituição não fosse viável, o autor poderia tecer críticas a respeito dos fragmentos utilizados, visto que o uso de trechos enviesados, sem maiores esclarecimentos acerca de suas funções em um texto, corrobora posições controversas.

Embora Skinner apresente um número considerável de trechos compatíveis com estereótipos de gênero, o autor também oferece, no escopo teórico da própria *Análise do Comportamento*, conceitos que podem ser utilizados para identificar, repensar e propor soluções para os problemas identificados. Em outros termos, a teoria skinneriana dispõe de recursos teóricos e metodológicos (e.g., por meio da análise de contingências) para que se possa pensar e atuar sobre o problema da desigualdade de gênero.

Vale destacar que este trabalho não se propôs a investigar as causas que levaram Skinner a se referir às mulheres da forma como o autor o fez em seus textos, dada a impossibilidade de acesso direto às contingências que controlaram a emissão de suas respostas verbais. No entanto, podemos conjecturar que contingências relativas à forma como as mulheres eram descritas e tratadas à época podem ter tido influência na produção intelectual de Skinner, sejam contingências atreladas à cultura machista e patriarcal, sejam aquelas associadas ao movimento feminista. O ponto a ser ressaltado é que mesmo não podendo afirmar que os trechos escritos ou parafraseados por Skinner representam a concepção do autor sobre as mulheres, a forma como o autor mencionou as mulheres pode fortalecer ou colocar em xeque os estereótipos de gênero.

Quanto às limitações deste trabalho, foram examinadas somente as traduções para o português de alguns livros de Skinner. Dessa forma, estudos ulteriores poderiam consultar os livros do autor em língua vernácula, bem como outros materiais bibliográficos, como artigos, reportagens e autobiografias para ampliar a análise de como o proponente do comportamentalismo radical se referiu às mulheres em sua obra. Além disso, outros estudos poderiam examinar de forma mais sistemática a possibilidade de vieses de tradutores/as, ponderando a escolha de pronomes, adjetivos e outros termos para o português, sobretudo quando se considera o viés gendrado da língua portuguesa e as possibilidades de uso de termos neutros em inglês, por exemplo.

Outra limitação importante diz respeito ao fato de que não existem ebooks oficiais dos livros de Skinner traduzidos para o português, o que fez com que os PDFs utilizados na pesquisa tenham sido digitalizados pelas próprias autoras ou obtidos de terceiros. Assim, não é possível garantir que a digitalização tenha ficado totalmente precisa. Vale elucidar, igualmente, que os livros TDE, CDR e QRAC são coletâneas que incluem publicações de períodos e temas diferentes entre si, o que pode explicar, por exemplo, alguns posicionamentos do autor nessas obras que foram considerados antitéticos aos vieses de gênero apresentados. Por fim, embora a escolha por livros traduzidos se justifique com base em seu uso no âmbito acadêmico, alguns materiais apresentam sérios problemas em sua tradução como a supressão de parágrafos e a modificação do significado de alguns termos.

Referências

- Azoubel, M. S., Rodrigues Neto, J. M., Alves, H. F. R., & Bruno, G. C. (2023). A presença de Skinner em artigos analítico-comportamentais brasileiros (1961-1998). *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 25(1), 1-15. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v25i1.1755>
- Barros, C. F., Souza, C. de M., & Martiello, M. J. (2020). The handmaid's tale: Gênero e repressão sexual. In A. C. B. Maia, M. Bosco, & L. R. S. de Carvalho (Orgs.), *Leituras sobre a sexualidade em filmes: Feminilidades, masculinidades e transgeneridades* (pp. 29-44). Pedro e João Editores.
- Bortoloti, R., Pinho, B. B. M., Oliveira, B. S., Andrade, C. D. P., Pacífico, L., & Huziwara, E. M. (2021). Investigação de vieses de gênero para brinquedos em adultos de duas faixas etárias por meio do Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP). *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 12(1), 228-234. <https://doi.org/10.18761/PAC.2021.v12.RFT.04>
- Fontana, J., & Laurenti, C. (2020). Práticas de violência simbólica da cultura de dominação masculina: Uma interpretação comportamentalista. *Acta Comportamentalia*, 28(4), 499-515. <https://doi.org/10.32870/ac.v28i4.77327>
- Freitas, J. C. de C., & Moraes, A. O. de. (2019). Cultura do estupro: Considerações sobre violência sexual, feminismo e análise do comportamento. *Acta Comportamentalia*, 27(1), 109-126. <https://doi.org/10.32870/ac.v27i1.68758>
- Gusmão, E. M. (2012). Debates sobre educação feminina no século XIX: Nísia Floresta e Maria Amália Vaz de Carvalho. *Estudos Históricos*, 25(50), 269-289. <https://doi.org/10.1590/S0103-21862012000200001>
- Laurenti, C. (2023). Contributions of a “Brazilianized” radical behaviorist theory of subjectivity to the feminist debate on women. *Social Sciences*, 12(11), 1-17. <https://doi.org/10.3390/socsci12110641>
- Laurenti, C., de Jesus, L. S., Nogueira, L. N., Sales, S. C., Wunsche, I. R., & Strapasson, B. A. (2019). Participação das mulheres em atividades acadêmico-científicas de Análise do Comportamento no Brasil. *Acta Comportamentalia*, 27(2), 251-265. <https://doi.org/10.32870/ac.v27i2.69863>
- Lopes, C. E. & Laurenti, C. (2023). Sobre a tradução brasileira de Science and Human Behavior. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 14(2), 048-057. <https://doi.org/10.18761/shb047023>
- Lopes, M. A. (2017). Estereótipos de “a mulher” em Portugal dos séculos XVI a XIX (um roteiro). In M. A. Rossi (Org.), *Donne, cultura e società nel panorama lusitano e internazionale (secoli XVI-XXI)* (pp. 24-44). Sette Città.
- Mizael, T. M., Barrozo, S. C., V., & Hunziker, M. H. L. (2023). Uma interpretação analítico-comportamental da solidão da mulher negra. *Acta Comportamentalia*, 31(3), 403-418. <https://doi.org/10.32870/ac.v31i3.86447>

- Moreno, R. (2016). *A beleza impossível: Mulher, mídia e consumo*. Ágora.
- Nicolodi, L., & Hunziker, M. (2021). O patriarcado sob a ótica analítico-comportamental: Considerações iniciais. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 17(2), 164-175. <http://doi.org/10.18542/rebac.v17i2.11012>
- Novaes, J. V., & Vilhena, J. de. (2003). De Cinderela a Moura Torta: Sobre a relação mulher, beleza e feiura. *Interações*, 8(15), 9-36. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35401502>.
- Oda, F. S., Lechago, S. A., da Silva, B. E., & Hunt, J. C. (2022). An experimental analysis of gender-biased verbal behavior and self-editing using an online chat analog. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 118(1), 24-45. <https://doi.org/10.1002/jeab.763>
- Passos, L., & Souza, L. (2021). Vulnerabilidades cruzadas: As mulheres e suas experiências diversificadas. *Katálisis*, 24(1), 198-209. <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2021.e73900>
- Pereira, F. N. de A., & Marques, N. S. (2023). O papel das mulheres na produção de conhecimento em Análise do Comportamento. In R. Pinheiro & T. Mizael (Orgs.), *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (Vol. 2, pp. 37-50). Instituto Par.
- Peterson, S. B., & Kroner, T. (1992). Gender biases in textbooks for introductory psychology and human development. *Psychology of Women Quarterly*, 16(1), 17-36. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1992.tb00237.x>
- Scheffer, D., Oliveira, G. B. de, Gamarra, C. J., Schütz, G. E. (2023). Mulheres-Maria e mulheres feministas: Um estudo sobre a história feminina e sua evolução. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, 16(47), 122-135. <http://doi.org/10.3895/cgt.v16n47.13883>
- Skinner, B. F. (1972). *Tecnologia do ensino*. EDUSP. (Obra originalmente publicada em 1968)
- Skinner, B. F. (1973). *O mito da liberdade*. Edições Bloch. (Obra originalmente publicada em 1971)
- Skinner, B. F. (1978). *O comportamento verbal*. Cultrix Editora. (Obra originalmente publicada em 1957)
- Skinner, B. F. (1984). *Contingências de reforço*. Abril Cultural. (Obra originalmente publicada em 1969)
- Skinner, B. F. (1991). *Questões recentes na análise comportamental*. Papirus. (Obra originalmente publicada em 1989)
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano* (11ª ed.). Martins Fontes. (Obra originalmente publicada em 1953)
- Skinner, B. F. (2006). *Sobre o behaviorismo* (10ª ed.). Cultrix. (Obra originalmente publicada em 1974)
- Skinner, B. F. (2020). *Verbal behavior: Extended edition* (J. Vargas, Org.). B. F. Skinner Foundation. (Obra originalmente publicada em 1957)

- Soares, C. (2008). A distribuição do tempo dedicado aos afazeres domésticos entre homens e mulheres no âmbito da família. *Revista Gênero*, 9(1), 9-29, <https://doi.org/10.22409/rg.v9i1.93>
- Wolpert, R. S. (2005). A multicultural feminist analysis of Walden Two. *The Behavior Analyst Today*, 6(3), 186-190. <https://doi.org/10.1037/h0100063>
- Zanello, V. (2022). *A prateleira do amor: Sobre mulheres, homens e relações*. Appris.
- Zanello, V., & Porto, M. (2016). *Aborto e (não) desejo de maternidade(s): Questões para a psicologia*. Conselho Federal de Psicologia.

Notas

¹ Nessa classificação um trecho poderia ser utilizado para exemplificar mais de uma categoria.

(Received: August 13, 2024; Accepted: November 19, 2024)